

Capitão desativa cadeia indígena

O novo capitão da reserva indígena de Dourados, Renato de Souza, desativou a cadeia utilizada pela "guarda interna" dos ex-capitães Carlito e Biguá, que sofreram uma espécie de impeachment e foram afastados dos cargos em setembro. A milícia, formada por índios da própria aldeia, na teoria tinha como tarefa prender caiuás e terenas que estivessem desobedecendo normas da aldeia. Na prática, no entanto, a guarda interna transformou-se num braço opressivo dos capitães, não faltando denúncias de detenções por motivos fúteis e mesmo espancamentos.

Renato de Souza, sobrinho do líder indígena Marçal de Souza, assassinado a tiros em novembro de 1983, assumiu o comando da aldeia na semana passada, junto com o terena Ramão Machado. Além de desativar a cadeia interna, Souza está "trabalhando com a consciência" da população da aldeia, tentando diminuir a ingestão de bebidas alcoólicas, segundo o presidente do Conselho Estadual dos Direitos do Índio, Eduardo Barbosa Pereira, 51.

Embora more em Campo Grande, Eduardo Barbosa tem familiares na aldeia douradense, acompanha de perto o trabalho de Souza e diz que sua atuação tem "total apoio" do Conselho. A situação política na aldeia esteve conturbada mês passado, quando boa parte dos 7 mil índios que vivem no local iniciaram um movimento para derrubar os capitães Biguá e Carlito de seus postos. Entre os motivos, estava a própria existência da cadeia, um pequeno quarto de madeira improvisado como cela.

Pajelança prejudicada — O clima de insegurança que reinou na aldeia no mês passado acabou afetando um ritual religioso que os índios tinham preparado há meses, na tentativa de evitar novos suicídios na aldeia. Um pajé da nação guarani foi trazido do Paraguai especialmente para a ocasião, a exemplo do que foi feito há dois anos. Uma das razões para os sui-

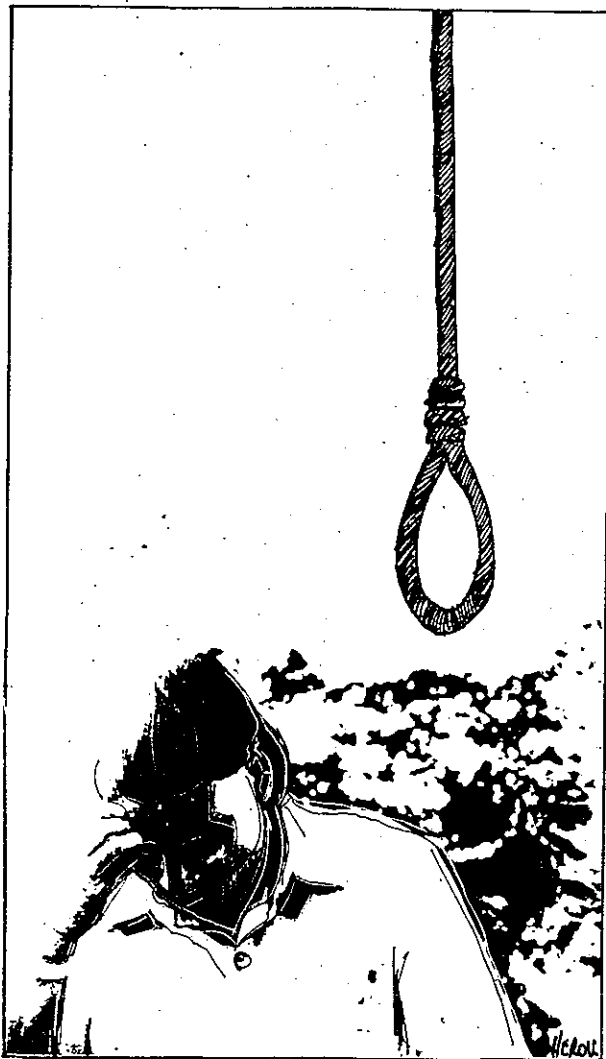
cídios na aldeia — foram 10 casos só este ano, mais de 150 nos últimos cinco anos — seria uma destruturação emocional, causada por um abalo nas crenças religiosas. Na concepção caiuí, o simples ato de pisar na terra de seus ancestrais já é um ritual religioso.

A psicóloga na Funai de Brasília Maria Aparecida Ferreira Costa, que trabalha desde 1986 em contato com a aldeia, relata que também a política externa prejudicou a pajelança. Segundo ela, teve muito candidato que prometeu tratores e sementes para a aldeia, gerando uma expectativa que comprometeu os resultados do trabalho espiritual.

Segundo a psicóloga, a pajelança deverá ser repetida ainda este mês, e ela já prevê "um grande ritual", separado em — como se diz entre os caiuí — "porahéi", ritual de danças e "nhembo-é", orações. "O objetivo é promover uma grande revitalização das tradições da aldeia", relata Maria Costa. A psicóloga explica que, pelos parâmetros da Funai, continua havendo uma "epidemia de suicídios" entre os caiuí.

Alcool sem controle — O número máximo de suicídios, aceito como normal dentro da cultura caiuí, seria de cinco casos por ano na aldeia de Dourados. De janeiro para cá, já morreram 10 índios da mesma forma. Em todo o Estado, o número de suicídios entre índios chega a 20 este ano, destacando-se quatro casos na aldeia de Caarapó, onde a média anual era de apenas um caso. Em comparação com os últimos anos, o número de casos está baixo na aldeia de Dourados. Um dos anos mais trágicos foi o de 89, quando cerca de 30 índios tiraram suas próprias vidas.

Entre as causas dos suicídios geralmente apontadas por indigenistas e estudiosos, está a pequena distância entre a aldeia e a zona urbana de Dourados, menos de 4 km. Isso facilita, por exemplo, o alto consumo de bebidas alcoólicas, uma válvula de escape dos índios para a situação de opressão e miséria.



CFEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Diário da Manhã

Class.:

1988

Data:

14.10.92

Pg.: